

CARMO GÊ PEREIRA É UM PROJECTO LIGADO À SEXUALIDADE FEMININA PORTUGUESA. COM QUASE 5 ANOS DE EXPERIÊNCIA LIGADA A UMA EMPRESA DE RENOME INTERNACIONAL DE TUPPER-SEX E DOIS ANOS DE EXPERIÊNCIA DE REALIZAÇÃO DE WORKSHOPS, FORMAÇÕES E TERTÚLIAS, SESSÕES DE CINEMA E CICLOS DE EVENTOS, TUDO LIGADO À ÁREA DA SEXUALIDADE, NUMA TENTATIVA, BEM SUCEDIDA DE PASSAR UMA VISÃO SOBRE COMPORTAMENTOS E IDENTIDADES DE FORMA DESMISTIFICADA E ABERTA.



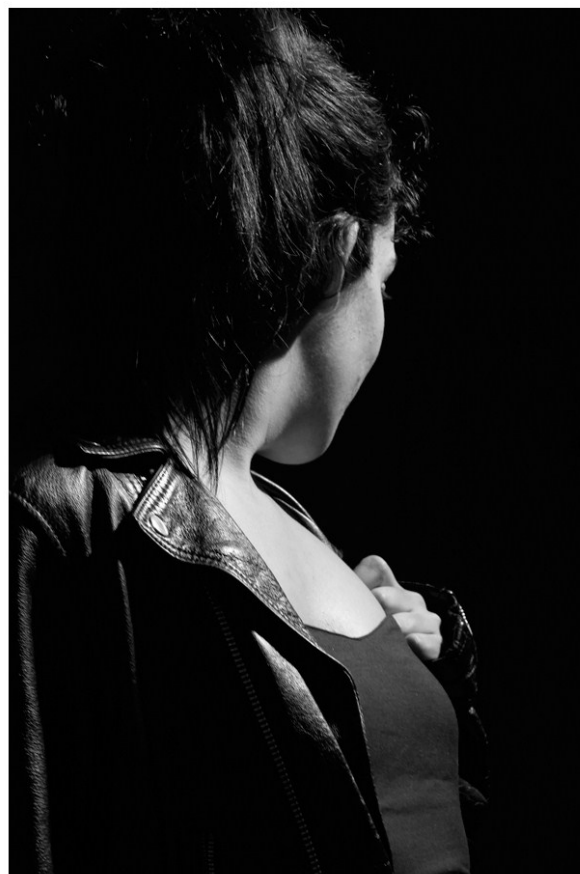
ENTREVISTA A CARMO GÊ PEREIRA

Nanozine: Muito obrigado por ter aceite o convite para a entrevista. Muitas pessoas questionam-se se será autora, mas a Carmo Gê Pereira é na verdade um projecto relativo à sexualidade feminina. Pode-nos dizer mais sobre o projecto?

Carmo Gê Pereira começou por ser Carmo da Maleta, um nome usado em cartões de visita e e-mails na minha primeira colaboração no mercado do ócio adulto, com a Maleta Vermelha, há já 5 anos. Em pouco tempo, o nome colou e Carmo da Maleta deixei de ser apenas eu, mas uma série de gente que se foi associando, a Ana Farias (<http://www.facebook.com/anafariasdesenho>) que desde o primeiro evento e workshop começou a trabalhar na ilustração comigo, o estúdio Idiotcracy Design, com colaboração estreita e mútua entre a Idiot Mag, desde o primeiro número (<http://idiotmag.wordpress.com/>), o espaço Compasso que recebeu um ciclo de eventos de 3 meses, a Rádio Manobras, onde estreei a primeira edição do programa Dirty Talks. Ilustradoras como a Tamara Alves e a Susana Valadas também foram

cedendo trabalhos para ilustrar eventos ou sebatas dos workshops.

Com o encerrar da minha colaboração com A Maleta Vermelha houve a necessidade de cunhar um nome que não estivesse ancorado a nenhuma outra marca e me permitisse trabalhar quer dentro de um circuito de vendas, aconselhamento e comercial, permitido agora pela nova portuguesa Academia de Vénus, quer dentro dos meus eventos, sem intuito de vendas, mas apenas de consciencialização de uma visão positiva e desmistificada das sexualidades e comportamentos sexuais. Surgiu uma nova colaboração, com Hugo A. Santos, da Edgeriver (<http://edgeriver.pt/>), que criou o site e permitiu um blog em local fixo, com textos e informação acessíveis a quem não tem Facebook, e mais colaborações surgirão nos próximos meses. No fundo Carmo Gê Pereira acaba por ser um número indeterminado de pessoas, congregadas à volta de uma missão e visão pessoal, sobre máximas como “vive a tua sexualidade em pleno”, “share the love <3”, “partilha e aprende”.



Já teve o seu trabalho em destaque no Público, P3, Revista Crua e outras publicações. Colabora mensalmente com reviews de enxoval para ócio adulto na revista Idiot Mag e pontualmente em outras publicações digitais.

Tem como principal objectivo providenciar informação individual para que cada qual possa desfrutar do que lhe dá prazer da forma mais segura e exponencialmente prazenteira possível.

Nanozine: Nos seus ateliês e workshops (por exemplo sobre o Ponto G), as pessoas vão à procura de algo em particular? Ou vão mais à procura de uma primeira experiência para ver o ambiente e depois regressam mais mentalizadas para algo?

No caso de ciclos como o Sexo às Quartas, no Espaço Compasso, de Janeiro a Março de 2012, aconteceu esse experimentar por parte do público, que foi ficando, e ao fim de 3 meses permitiu um criar de intimidade e partilha extremamente proveitoso para ambos. Na maioria dos casos, os workshops são pedidos a casas particulares, aí há a noção de o que se está à espera e quem vai de surpresa acaba por me chamar mais tarde para partilhar a mesma experiência com outras amigas ou amigos. Não me parece que exista muito espaço para esse processo de mentalizar, ou que este seja necessário, o ambiente criado é tranquilo, rapidamente se criam cumplicidades e sem grandes constrangimentos para ninguém. A minha principal proposta é exactamente essa, vamos falar de sexo, todos, com o máximo de informação possível em cima da mesa e sem criar grande caso, porque estamos a falar de algo que pertence ao nosso dia-a-dia, que é mundano, e que, quanto mais soubermos mais poderemos desfrutar.

Nanozine: Qual é a primeira reacção das pessoas quando frequentam os workshops?

Agrada-me a surpresa no final de despedidas de solteiras ou reuniões de enxoval para o ócio adulto. Normalmente contavam com mais brejeirice, mas encontram um ambiente liberado e brincalhão, onde se fala de sexo sem banalizar e tentando dizer o que é necessário a cada momento. Esse quebrar de barreiras muito particular agrada-me especialmente.

Nanozine: Que tipo de tabus ou ideias pré-concebidas é que tentam desmitificar nos workshops?

Acima de tudo que existe um guião

pré-definido de prazer. Apresentam-se dicas, formas de fazer, informação para melhor praticar o que nos dá água na boca. E que não existe o proibido. Entre adultos consensuais e conscientes do que fazem (daí a importância da informação) tudo aquilo que nos dá prazer é válido. Há pouco tempo descobri um acrónimo usado entre a comunidade *kink online* que resume esta ideia de respeito pelas vontades do outro, de não se poder diminuir o desejo do outro, ou considerar a prática do outro menos válida que a nossa. YKINMKBYKIO (*Your Kink Is Not My Kink But Your Kink Is OK*). Isto é se nos apetecer, se apetecer ao outro o mesmo, porque não? E se não for a mesma vontade ou se acharmos os desejos do outro de gosto duvidoso, respeita-se e procura-se quem tenha os mesmos que nós.

Nanozine: Houve um ciclo de cinema dedicado a Erika Lust, que mudou o cinema pornográfico. Como que olhos observa a representação do sexo nos media hoje em dia?

Dos *media mainstream* aos mais alternativos, o sexo rodeia-nos. O problema, parece-me, é que é apenas uma perspectiva de sexo, umas poucas sexualidades e uns poucos comportamentos, que continuam a ter uma escala de representação suficientemente grande para não criar angústias e excluídos a quem não escolhe o modelo hegemónico. Mas a proliferação de medias à margem traz-nos autoras um pouco mais mainstream como Erika Lust, que criam novos modelos, a obras de arte como os “Dirty Diaries,” ou relatos documentais como o *Too much Pussy*, da Emilie Jovet. Julgo estarmos também numa privilegiada era de diversidade e produção.



CARTAZ DO ATELIER DE POMPOARISMO
DA AUTORIA DE ANA FARIAS

O PROBLEMA,
PARECE-ME,
É QUE É
APENAS UMA
PERSPECTIVA
DE SEXO

Nanozine: Da sua experiência, qual é o brinquedo sexual que as mulheres preferem?

Em cinco anos, continuo-me a considerar incapaz de responder a essa pergunta, talvez por dar liberdade a uma escolha individual e ir observando as várias *trends* sexuais que vão surgindo e passando. Agora essenciais, para todos os géneros e identidades, e que efectivamente melhoram qualquer prática, a meu ver existem, lubrificantes à base de água ou de silicone, dependendo do objectivo, o mais simples possíveis e mesmo, mesmo à mão, na mesinha de cabeceira.

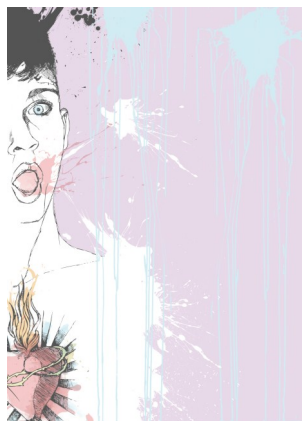
Nanozine: Uma pergunta relativa à literatura. Qual o(s) livro(s) erótico(s) que recomenda aos nossos leitores?

Esqueçam os Grays... Se querem um universo de dominação, disciplina e submissão vão até à *História de O*. Se querem algo levezinho e erótico, *A casa dos Budas Ditosos de João Ubaldo Ribeiro*, para pornografia dura Pierre Louys com o *Tal Mãe, tais filhas*. Autora que me conquistou, Hilda Hilst com *Cartas de um sedutor*. Bd manga o *Step up love story*, e também BD, mas quase obra de arte, *Lost Girls*, tríptico escrito pelo Alan Moore.

Novos autores andam a surgir, crónicas então, na *Idiot Mag* há a *Alcova da Patrícia*, na mesma secção em que publico as *reviews*; na *Agenda Kinky* as *Confissões de uma Menina Virtuosa* e a *Jane Good All*.



ESQUEÇAM OS
GRAYS...
SE QUEREM UM
UNIVERSO DE DO-
MINAÇÃO, DISCI-
PLINA E SUBMIS-
SÃO VÃO ATÉ À
HISTÓRIA DE O.
SE QUEREM ALGO
LEVEZINHO E ERÓ-
TICO,
A CASA DOS
BUDAS DITOSOS
DE JOÃO UBALDO
RIBEIRO,
PARA
PORNOGRAFIA
DURA PIERRE
LOUYS COM O
“TAL MÃE, TAIS fi-
LHAS”.



Nanozine: Quando estava a ler a entrevista com a Nancy Madore deparei-me com o tema relativo à falta de prazer sexual nas mulheres, e depois li um livro onde a mulher atingia orgasmos com facilidade enorme. Na sua opinião, qual é a ideia errada que os media (cinema, literatura) passa das mulheres que as afecta mais?

Que o sexo vem em manuais, a ideia de fingir até que aconteça (*fake it until you make it*), de que a masturbação desde tenra idade é um privilégio masculino, a não-normalização da ideia de masturbação feminina é perturbadora, de que temos botões e *clicks* (à Manara) mágicos. Que viver a nossa sexualidade em pleno é problemático e nos coloca em perigo, como se daí algum castigo adviesse, sendo o menor a condenação social e rótulos como puta ou vadia, indo ao alimentar de uma cultura de violação. A ideia de que somos um organismo comum, com um cérebro partilhado, ou feito em série e que todas queremos o mesmo e temos os mesmos meios de chegar lá. Tudo ideias que dificultam processos individuais e o auto-conhecimento.

Nanozine: Por último, que projectos tem previstos para o futuro?

A curto prazo, uma maior frequência de textos no blog, novas parcerias. Muito, muito em breve o retomar do *Dirty Talks*, desta vez em formato semanal, na *Rádio Manobras*. Mais para o fim do ano, novos workshops e um alargar do leque de serviços. A longo prazo, claro, conquistar o mundo, mas com muito amor e prazer!

À ESQUERDA: CARTAZ DE ANA FARIAS PARA O atelier “À procura do ponto G (e o encanto dos enquantos...)”

À DIREITA: CARTAZ DE TÂMARA OLIVEIRA PARA O atelier de *intimidade para casais*: aberto a casais hetero, gay, lésbicas, trans, intersexuais e/ou poliamorosos.